

O COLONIALISMO E SUA INFLUÊNCIA PARA A MODA NO CONTEXTO DA SUSTENTABILIDADE

COLONIALISM AND ITS INFLUENCE FOR FASHION IN THE CONTEXT OF SUSTAINABILITY

Leonardo Armando Magalhães, graduando, Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc)

leonardoscout590@gmail.com

Jussara Dagostim, mestranda, Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc)

dagostimjussara@gmail.com

Mariana Moreira Carvalho, mestranda, Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc)

marimoreirac9@gmail.com

Neide Köhler Schulte, doutora, Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc)

neideschulte@gmail.com

Resumo

O artigo tem como objetivo discutir a influência da colonização na moda visando compreender a necessidade de descolonizar a moda latino-americana para promover a sustentabilidade local. Os conceitos empregados a fim de contemplar esse objetivo referem-se à moda no contexto da sustentabilidade e à colonização que historicamente se deu a partir do imperialismo por parte dos países do Norte sobre os países do Sul Global, partindo de uma abordagem local para a emancipação do processo de descolonização. A metodologia consiste em uma pesquisa de natureza básica, qualitativa no que se refere aos três exemplos de projetos e marcas de moda no intuito de valorizar e difundir iniciativas sustentáveis e locais, sendo os três casos de Florianópolis (SC), e descritiva quanto ao detalhamento do objetivo. Esse estudo faz parte da pesquisa “O audiovisual como ferramenta para o ensino da sustentabilidade na moda” e inicia o debate do grupo acerca da descolonização na moda. O estudo visa contribuir para que a moda se adeque ao contexto da sustentabilidade, sendo produzida de modo mais ético e local, valorizando os saberes ancestrais.

Palavras-chave: Descolonização; América Latina; Moda; Sustentabilidade

Abstract

The article aims to discuss the influence of colonization on fashion in order to understand the need to decolonize Latin American fashion to promote local sustainability. The concepts used to

contemplate this goal refer to fashion in the context of sustainability and colonization that historically took place from imperialism by the countries of the North over the countries of the Global South, starting from a local approach to the emancipation of the decolonization process. The methodology consists of a basic research, qualitative in what refers to the three examples of projects and fashion brands in order to value and disseminate sustainable and local initiatives, being the three cases of Florianópolis (SC), and descriptive as to the detail of the objective. This study is part of the research "The audiovisual as a tool for teaching sustainability in fashion" and starts the group's debate about decolonization in fashion. The study aims to contribute to fashion fitting the context of sustainability, being produced in a more ethical and local way, valuing ancestral knowledge.

Keywords: *Decolonization; Latin America; Fashion; Sustainability*

1. Introdução

Pensar a moda no contexto da sustentabilidade na América Latina - ou estendendo ao Sul Global - requer uma descolonização do olhar, dado o histórico do desenvolvimento da produção e do consumo mundiais e o pensamento da sustentabilidade advindos do Norte Global. Entre os aspectos da sustentabilidade se aponta a ideia da ética socioambiental - seja com trabalhadores, ou com a extração e o descarte de materiais e demais fatores - e muitos aspectos dessa ideia perpassam fronteiras nacionais e continentais. Faz-se necessário, portanto, considerar o contexto local para discernir quais os aspectos da sustentabilidade que se aplicam.

A começar pela cultura importada na moda, tem-se o exemplo do executivo brasileiro que se veste com terno e gravata mesmo em temperaturas acima de 30°C, os termos absorvidos de outros idiomas como *prêt-à-porter*, *fast fashion*, *ecofriendly*, *upcycling* e o consumo em grande escala de costumes e produtos procedentes da Europa ou dos Estados Unidos.

Para buscar o contexto dessa importação cultural, esse artigo objetiva discutir a influência da colonização na moda para compreender a necessidade de descolonizar a moda latino-americana para promover a sustentabilidade local. Trata-se de um desdobramento oriundo da pesquisa "O audiovisual como ferramenta para o ensino da sustentabilidade na moda" e inicia o debate do grupo acerca da descolonização na moda. Na busca em bases de dados, notou-se escassa produção relativa à temática discutida.

Para estruturar o estudo, aborda-se primeiramente o contexto de cultura imperialista, que ocorre pela influência geopolítica como a imposição da cultura de uma nação sobre outra. A partir de tal, possibilita-se a conceituação da descolonização de forma abrangente para chegarmos à conexão com a área da moda. Nesse ponto, a relação principal entre os temas abordados é a moda local que aponta meios para a descolonização pela via da sustentabilidade. A pesquisa apresenta três casos locais que são exemplos relevantes de como atuar de forma local para contribuir com a sustentabilidade e com o restabelecimento das raízes apagadas pelos séculos de explorações e imposições do colonialismo.

2. Da colonização à descolonização

Para compreender melhor o imperialismo que ainda se faz presente na cultura latino-americana é preciso entender alguns pontos importantes de sua jornada histórica até a contemporaneidade, tendo em vista que a invasão cultural atingiu e ainda atinge, principal e abrangentemente, os povos indígenas (TAVARES, 2015). Além disso, é preciso compreender o que o verbo descolonizar tem a ver com a perspectiva de um futuro mais autônomo e ético na América Latina (CASTILHO, 2013). Para tal, explora-se a seguir a contextualização histórica da cultura imperialista.

2.1 Contextualizando a cultura imperialista

Um dos pontos históricos relevantes para a importância da cultura imperialista foi a independência dos Estados Unidos da América do Norte em 1776. Tal acontecimento influenciou as outras colônias existentes na América Latina de tal forma que o país passou a ser visto como uma nova referência de poder e de cultura. É preciso salientar também que o referido país norte-americano foi responsável por causar o extermínio de incontáveis povos indígenas da região oeste de seu território (TAVARES, 2015).

Uma frase do ex-presidente norte-americano Benjamim Franklin ilustra como aconteceu o genocídio indígena naquela região, e nela está enfatizado o uso de armas químicas: “Se faz parte dos desígnios da Providência extirpar esses selvagens para abrir espaço aos cultivadores da terra, parece-me oportuno que o rum seja o instrumento apropriado. Ele já aniquilou todas as tribos que antes habitavam a costa” (LOSURDO, 2015, p. 30).

Desde então, conforme aponta Tavares (2015), houve outras grandes invasões, incluindo territórios mais ao sul da América do Norte, o que ao longo da história trouxe o império que é hoje os Estados Unidos. Também considerando o período pós-Primeira Guerra Mundial como um marco histórico nas influências culturais latino-americanas, houve grandes divulgações da cultura estadunidense por meio das novas tecnologias de informação no século XX. Um exemplo forte tem a ver com o cinema, com filmes que mostravam o chamado “sonho americano” ou o “herói da pátria”. No filme *Far west*, por exemplo, os indígenas são representados como a parte inimiga e os caubóis como os heróis. Ou seja, ferramentas de comunicação, como o cinema, influenciaram fortemente as culturas latino-americanas naquela época.

As influências estadunidenses continuam no cinema latino-americano. Os filmes da produtora Marvel trazem em seus sucessos de bilheterias heróis patrióticos norte-americanos, que têm grande influência na cultura e na vida socioeconômica de grande parte da América Latina (TAVARES, 2015). Para prosseguir na contextualização da temática, destaca-se, a seguir, a definição de descolonização e os assuntos que esse termo abrange.

2.2 O que é descolonização

Nesse artigo optou-se pelo uso do termo descolonização, não desconsiderando o termo decolonial, que também é utilizado por outros autores. Tal opção tem como base o conceito

proposto por Castilho (2013), que aponta “descolonização” como o termo mais usual dentro da academia. Além disso, para o autor, a presença do prefixo “des”, serve como estratégia quando se trata de tradução para que o assunto fique ainda mais conhecido entre os autores.

Uma maneira de entender o que é descolonização é oferecida por Dilger (2016) que fala sobre a cultura do “Bem Viver”, que é contrária à cultura de “desenvolvimento” que está fortemente focada no crescimento econômico. O Bem Viver é um movimento oposto às opressões da sociedade. O feminismo, por exemplo, integra o Bem Viver, pois busca superar o patriarcado, a descolonização e corrobora com o movimento.

A expressão “Bem Viver” se refere a uma filosofia universal baseada no modo de vida ameríndio, que traz o significado de saber se reconhecer, por meio do aprendizado e do convívio, como parte da natureza (ACOSTA, 2019). O Bem Viver propõe não explorar a natureza, mas sim viver com ela num diálogo contínuo, buscando um equilíbrio, sem que ela seja prejudicada pela humanidade, pelo fato de sermos parte dela.

Com base no pensamento freiriano, Penna (2014) traz consigo uma importante reflexão sobre o que é esse efeito da colonização ainda existente. O argumento de descolonização tem em seus eixos fundamentais a luta política, econômica e social contra a cultura colonizadora.

Na verdade, toda dominação implica uma invasão, não apenas física, visível, mas às vezes camuflada, em que o invasor se apresenta como fosse o amigo que ajuda. No fundo, invasão é uma forma de dominar econômica e culturalmente o invadido. Invasão realizada por uma sociedade matriz, metropolitana, numa sociedade dependente, ou invasão implícita na dominação de uma classe sobre a outra, numa mesma sociedade (PENNA, 2014, p. 182).

É possível, a partir desse contexto, visualizar o quanto os autóctones das localidades colonizadas têm sua organização social fissurada a partir das invasões, cuja finalidade é a tomada de território para enriquecimento próprio. Nesse sentido, entende-se que a colonização, em todos os seus aspectos, matou a cultura, o modo de viver, de vestir, de falar, de se alimentar, de se relacionar, entre outros, próprios dos colonizados, tanto na América Latina, quanto nos outros continentes que foram e ainda são subjugados até os dias atuais.

A descolonização é necessária, nos mais variados aspectos, como forma de valorização daquilo que foi intrínseco da cultura dos povos, e pela reparação histórica que se deve àqueles que anteriormente já viviam em harmonia com o todo, com a natureza. Os danos que a colonização causou às comunidades, e à natureza, afetam diretamente no modo como acontecem as relações e as vivências cotidianas.

Para dar continuidade à problemática da cultura imperialista sobre a discussão que abrange a descolonização, a moda local e a sustentabilidade, prossegue-se pela exploração das características próprias da área da moda e a interposição com fatores de fissuras ao colonialismo presente.

3. Moda local e sustentabilidade

Inúmeros aspectos da sustentabilidade podem ser elencados ao se falar do local. O apagamento da cultura indígena e a introdução de uma cultura branca, importada, na qual os povos não se reconhecem, gerou um distanciamento do que poderia ser considerada a

riqueza local. Assim como a estetização desses povos, também outros grupos foram e são marginalizados. Este é um dos pontos mais complexos em relação à colonização na moda.

Assim como diversos avanços tecnológicos, manufatureiros e de materiais comumente associados à Revolução Industrial, o transporte ferroviário foi um marco para a distribuição de matéria-prima e de artefatos a níveis nacionais e internacionais. Com a possibilidade de envio e recebimento de materiais, tanto tecidos quanto peças de vestuário passaram a atravessar cada vez mais facilmente as fronteiras e a produção das grandes marcas foi deslocada para países com pouca ou nenhuma fiscalização trabalhista. Esses movimentos prejudicaram o trabalho local, aumentaram a competitividade nos preços e dificultaram o estabelecimento de pequenos produtores que, em geral, buscam fazer produtos de moda de acordo com os princípios para sustentabilidade, tais como a responsabilidade social, ambiental, cultural e econômica.

3.1 Deslocamentos da moda

O alcance global que possui a indústria da moda, de acordo com Fletcher e Grose (2011), necessita de diversas formas de transporte para enviar e receber bens do mundo todo. A maior parte do que se comercializa é obtida a partir de importação e leva em consideração a rota de maior economia, sendo esse fator a lógica para produzir e distribuir. As autoras sinalizam a insustentabilidade da produção e distribuição globalizadas, pois a escala e ausência de atores impossibilita o entendimento dos impactos sociais e ecológicos. Uma escala menor de funcionamento altera relações entre materiais, indivíduos, locais e meio ambiente, pois, conforme Gwilt (2014), o transporte de materiais para produção de moda provoca impactos não só no meio ambiente, como também nos interesses humanos e sociais.

Muitas cidades ao redor do mundo possuem comunidades criativas de produção têxtil, que contribuem para a cultura e identidade local (GWILT, 2014). A luta pela sobrevivência ocorre ainda que os interesses pela produção artesanal e tradicional venham reconquistando espaço. O trabalho realizado em comunidades é comumente de pequena escala de produção e promove meios de engajamento social pela operação local. É possível também a introdução a nível global, de acordo com a autora, pelo compartilhamento de informações e experiências com comunidades internacionais.

Ao tratar das mudanças de endereço da produção têxtil, Berlim (2012) sinaliza que entre 1995 e 2005 a indústria têxtil da Europa e dos Estados Unidos mudou-se, por assim dizer, para o Oriente. Mais de um quarto da produção mundial de roupas é realizada na China, segundo a autora. Países como Índia, Bangladesh, Haiti, dentre outros, são responsáveis pela outra fração de produção. Fatores como produção rápida, ausência de regulamentação trabalhista, impostos reduzidos, exportação incentivada nos países orientais onde se produz e importação nos países que são sede das marcas de moda são motivos para a mobilidade das indústrias.

Paralelamente, há o rigor nos direitos trabalhistas e ambientais na Europa. Berlim (2012) segue elencando outros fatores para estes deslocamentos como a proibição de substâncias químicas e gestão de resíduos sólidos que inviabilizam as práticas de acabamentos e beneficiamentos no setor têxtil. Se adequadas, as empresas europeias e americanas teriam gastos muito maiores em relação à transferência de localidade. Alguns

desses aspectos trouxeram ao solo oriental e também ao Brasil tecelagens, confecções, curtumes, entre outros. Para a autora, o ecodesign poderia ser parte desta questão para auxiliar na diminuição de impactos.

3.2 Os efeitos do Norte Global no Sul Global

Ao falar sobre a descolonização da sustentabilidade na moda, Colerato (2020) indica que os exemplos de sustentabilidade nos países do Norte Global são, em maior fração, a reciclagem de lixo, a consciência da população em relação ao meio ambiente e tecnologias sustentáveis. Abordar sustentabilidade de forma geral, mais em específico na moda, parte de um olhar tão colonizado quanto ao tratar de beleza, cultura e outras questões. Os países do Norte Global têm histórico de transferir ônus dos resíduos provenientes do seu hiperconsumo. A autora denuncia que em 2015 o Reino Unido exportou 351 milhões de quilos de roupas usadas, equivalente a 2,9 bilhões de camisetas, para Polônia, Gana, Paquistão, Ucrânia, Benin e outros países.

Ainda de acordo com Colerato (2020), o lixo dos Estados Unidos, Austrália e alguns países da Europa têm soterrado localidades da África, Ásia de América Central. “O *fast fashion* é, afinal, uma criação europeia que transformou completamente as dinâmicas da indústria da moda e, conseqüentemente, do consumo de moda, tornando-o cada vez mais insustentável” (COLERATO, 2020, online). A autora sinaliza que as “tecnologias verdes” são meios de manter o hiperconsumo em países do norte, os quais seguem utilizando recursos naturais, mas agora de forma mais eficiente.

Mas existe um paradoxo, conhecido como Paradoxo de Jevons, responsável por apontar que o desenvolvimento tecnológico que aumenta a eficiência no uso de determinado recurso tende a, paradoxalmente, aumentar a taxa de uso deste recurso. Em outras palavras: uma tecnologia “sustentável” para aumentar eficiência do uso de energia vai, paradoxalmente, aumentar o uso de energia em si (COLERATO, 2020, online).

Caminhos como tecnologia verde, reciclagem e consciência ambiental, conforme traz Colerato (2020), são alternativas incapazes de extinguir o problema maior.

Por conta da colonização, países como o Brasil, a Índia e a China, bem como outros países chamados “subdesenvolvidos” são a base da indústria de *commodities* e mão de obra barata. A indústria global da moda depende dos países do sul para obter insumos e trabalho para confecção. Nos países acima citados, conforme afirma Colerato (2020), os impactos são altos por conta de agrotóxicos nas plantações de algodão e mau descarte de químicos dos processos têxteis, por exemplo. A tática para a sustentabilidade na Europa custa o esgotamento do Sul Global, portanto sem o rompimento com o colonialismo e com a ideia de dominação não há avanço na agenda socioambiental.

Esta quebra, que se pode chamar de descolonização, exige “reconhecer e valorizar os modos de vida e saberes locais, muito mais conectados à sustentabilidade do que imaginamos” (COLERATO, 2020). A autora aponta a produção agroecológica brasileira de algodão como exemplo de sustentabilidade e garantia da soberania e qualidade de vida e finaliza:

Descolonizar a moda não é um voltar ao passado nostálgico e perfeitamente intocado, pelo contrário. É caminhar para frente rumo à valorização de saberes sistematicamente negados, mas que podem garantir qualidade de vida próspera na Terra para todos e transformar nossa

relação com a moda, com as pessoas, com as coisas e com o planeta (COLERATO, 2020, online).

Para Sant'Anna e Macedo (2008), a cultura é linguagem, história contada, e o construir de uma identidade nacional é, de forma inevitável, a ideologia de grupos sociais dominantes, os quais alteram símbolos e culturas locais e modificam a imagem do país com uma representação criada. Dessa forma, não só os países são colonizados, como seguem sendo dominados e moldados como forma de submissão aos colonizadores.

De acordo com Tavares (2020), a convivência entre os diferentes povos, onde as diferenças são tão presentes, é o caminho necessário, valorizando os povos indígenas e considerando suas demandas, ou seja, respeitar sua forma de viver. Além disso, é necessário perceber essa outra forma de conhecimento, incorporar as formas dos povos milenares de ver a realidade e compreender a cultura indígena, para que, no conflito entre mundo colonizado e mundo autóctone, seja possível acessar uma América Latina descolonizada e livre.

Como forma de conectar o movimento de descolonização ao desenvolvimento local de moda no contexto da sustentabilidade, apresentam-se, a seguir, três exemplos de marcas locais que trabalham nesse sentido.

4. Exploração de casos

A fim de apresentar exemplos de projetos e marcas de moda latino-americanas para valorizar e difundir iniciativas locais de descolonizar a moda, foi realizado um levantamento de três amostras de casos com propostas relevantes para sustentabilidade. Os três exemplos estão situados na região Sul do Brasil, em Florianópolis, Santa Catarina. É possível, a partir desses casos, validar que a moda pode ser feita de forma mais ética e sustentável, valorizando os saberes da cultura local, com métodos e ferramentas disponíveis para construção de uma moda descolonizada.

4.1 Nara Guichon

O primeiro exemplo é o caso da artesã e ambientalista Nara Guichon, que imprime seu nome à sua marca, que tem desenvolvido um trabalho relevante para sustentabilidade em Florianópolis, usando matéria-prima encontrada nas praias da região, que são as redes de pesca de poliamida descartadas pelos pescadores. Segundo Olsen (2020), ela reutiliza esses materiais a fim de construir novas peças de moda, além dos conhecidos esfregões, que têm durabilidade de até seis anos de uso, contando com uma redução da liberação de microplásticos das esponjas comuns para lavar louça.

Além disso, ela trabalha com a técnica de impressão botânica, também conhecida como "eco print", que possibilita usar como estêncil plantas e colorantes naturais por meio de técnicas da química verde que tem baixo impacto ambiental (OLSEN, 2020). Na figura 1 é possível observar parte da matéria-prima, redes de pesca neste caso, e o produto pronto.



Figura 1: Redes de pesca usada como matéria-prima para a bolsa ecológica. Fonte: OLSEN, 2020.

Além de todos os trabalhos realizados, a ativista Gichon tem frases que podem servir de inspiração para todas as pessoas, como uma delas que fala da importância de mudar os olhares sobre o que é consumido e descartado: “O contato com os elementos minerais e vegetais, assim como o novo olhar sobre objetos descartados ou indesejados, pode revolucionar a nossa economia e a forma como interagimos como sociedade” (OLSEN, 2020, online).

Guichon defende também que “Numa sociedade cada vez menos conectada aos valores naturais, o artesanato feito com materiais que, de outro modo seriam descartados, se mostra como uma forma de retorno às origens” (OLSEN, 2020, online). Essa afirmação também traz à tona a discussão sobre as conexões que os seres humanos têm em relação aos materiais que usam e produzem, bem como a sua relação com a natureza.

4.2 MODA.DOC América Latina

Nesse segundo exemplo, o MODA.DOC América Latina (MDAL) é um projeto audiovisual da produtora *Plus Art Films* de Florianópolis (SC), que tem como objetivo a produção de um documentário acerca da moda ética e artesanal na América Latina, como forma de criar alicerces para a construção de um sistema de moda original e sustentável em todo o continente. Na figura 2 tem-se uma imagem das pesquisas realizadas para o projeto audiovisual.



Figura 2: Las Cholitas Escaladoras de Bolivia. Fonte: MODA.DOC, 2020.

O MODA.DOC foi idealizado por Rodrigo Müller, que também é produtor, diretor e roteirista, e tem experiência nas áreas de moda e produção cinematográfica. A equipe de produção é composta por profissionais de várias áreas. Essa soma de esforços busca contribuir para o desenvolvimento, a justiça ambiental e social da América Latina. Nesse sentido, o MDAL tem “absolutamente tudo para criar uma cadeia produtiva justa: cultura têxtil milenar, fibras naturais, tingimento natural, materiais, tecnologia, força de trabalho criativa, culturas vibrantes e ancestrais” (MODA.DOC, 2020, online).

O filme documentário tem o lançamento estimado para março de 2022 e, "apresentará diversas marcas de moda ética e suas comunidades que criam seus negócios com base nos cinco pilares da sustentabilidade: herança cultural, responsabilidade ambiental, igualdade social, prosperidade econômica e inovação tecnológica" (ABIT, 2020, online).

Serão visitados diversos países da América Latina e as entrevistas serão realizadas com estilistas de moda ética e especialistas em sustentabilidade, de modo que haja uma contribuição para despertar a valorização da identidade dos países latino-americanos como um diferencial no mercado mundial (MODA.DOC, 2017, online).

4.3 Armário Coletivo

Como terceiro exemplo local, apresenta-se o projeto Armário Coletivo, iniciado em 2014, no bairro Vargem Pequena, em Florianópolis. A idealizadora Carina Zagonel deixou em frente da sua casa um par de tênis que o filho não usava mais com uma placa que convidava as pessoas para que deixassem aquilo que não usavam mais, mas que estivesse em bom estado para compartilhar com outras pessoas, e que pegassem o que lhes pudesse ser útil.

A partir dessa ação, o movimento de compartilhar cresceu neste primeiro local. Carina e seu companheiro Albano Bernardes iniciaram a construção de armários que foram colocados em outras localidades como meio de compartilhamento e circulação de variados objetos. Com o tempo, as peças de vestuário se tornaram os bens mais compartilhados no Armário Coletivo por conta do alto consumo e redução da vida útil das peças. Atualmente o projeto conta com quatorze armários em Florianópolis, sendo três em bairros e os demais em instituições de ensino, empresas e parques, um no Paraná, em Curitiba e quatro na Bahia.

A iniciativa recebeu vários prêmios e tornou-se ponto de partida para outros projetos como oficinas de costura, de remanufatura (*upcycling*) para novas peças de roupa e acessórios, além de gerar e trabalhos acadêmicos, movimentando assim as relações coletivas, o fazer manual e a pesquisa local. O Armário Coletivo pode ser visto como um exemplo significativo e praticável de economia local conectada à moda, uma vez que dialoga sustentabilidade, espaços públicos, diversos atores e produtos em um sistema de experiências compartilhadas.



Figura 3: Armário Coletivo do bairro Canto da Lagoa. Fonte: ARMÁRIO COLETIVO, 2020.

O projeto MODA.DOC América Latina, a marca Nara Guichon e o projeto Armário Coletivo são exemplos na área da moda que tem propósitos voltados à sustentabilidade e que exemplificam a importância do olhar local, regional e continental para valorização do território. Demonstram ser possível o uso de insumos e trabalho locais, com menor impacto ambiental, que valorize a cultura, a ética e os atores envolvidos nos processos.

5. Discussões

Ao retomar o que Castilho (2013) aponta como descolonização, tem-se como sinônimo a superação das opressões que são causadas por uma cultura colonizadora. As relações de séculos de exploração mantêm submissos e dependentes povos colonizados em nome de um modo de vida europeu ou do “sonho americano”. São invasões que seguem a promover apagamentos, deslocamentos de culturas, e não promovem o reconhecimento dos povos autóctones. Geram, assim, uma ausência de representatividade, de espaço e de valorização dos saberes dos povos originários.

A moda colonizada caracteriza-se principalmente pela criação e exibição de coleções estrangeiras, da Europa ou dos Estados Unidos, e copiadas para serem produzidas nos países colonizados. Sendo assim, a moda local tem muito a oferecer ao se pensar em produções artesanais, com técnicas tradicionais e materiais específicos das regiões, com características próprias e que podem promover a emancipação e o giro econômico para sobrevivência de comunidades, além da geração de emprego e renda. Conforme Dilger (2016), o descolonizar caminha para desmistificar e redescobrir o que já existe. Daí a importância do olhar para o local.

Só é possível alcançar a sustentabilidade, com todos os pilares nela contidos, por meio de uma moda descolonizada, livre de imposições que muitas vezes não consideram a realidade particular. O trabalho local, com base na ética socioambiental e na valorização da cultura, é inerentemente sustentável.

6. Conclusões

Na pesquisa em moda tem-se uma lacuna sobre o conceito de descolonização. Ao analisar algumas bases de dados científicos, notou-se uma quantidade ainda incipiente de artigos que traçam um paralelo entre moda e colonização. Por esse motivo, são importantes os estudos que tratam da questão decolonial, principalmente ao se falar de sustentabilidade, pois muitas práticas produtivas e de consumo, a despeito de matérias-primas, processos e modelagens, são importadas de países mais desenvolvidos economicamente, e os resíduos desses países são exportados para países subdesenvolvidos.

Em paralelo, é importante pensar o local, considerando o Bem Viver dos povos indígenas e nativos como norte para o equilíbrio socioambiental e como caminho para a valorização e a geração de uma economia local. A colonização e a construção de sua permanência nos países precisam ser avaliadas e transformadas para que a posse dos territórios, das matérias-primas locais e da força de trabalho não se torne uma realidade permanente. Nesse contexto em que a identidade nacional é exportada a baixo custo e que se importa no lugar a moda rápida (*fast fashion*), a imagem do indivíduo é padronizada e as particularidades regionais suprimidas.

A exemplo dos casos citados nesse artigo, observou-se que há um avanço e um esforço contínuo para que se possa desvencilhar dos grilhões colonizadores. Evidencia-se que, na América Latina é possível existir uma moda própria produzida a partir da riqueza cultural característica dos seus povos originários, sem a necessidade de copiar tendências estrangeiras tais como as norte-americanas e europeias.

No contexto geral, ao passo em que o desenvolvimento do Norte Global avança e com ele as chamadas “tecnologias verdes” para reversão de danos, o Sul Global segue sendo impactado com explorações de diversos nichos e despejos dos resquícios desse desenvolvimentismo. Por tal razão é urgente descolonizar o imaginário de forma abrangente – social, política e economicamente - e por partes, como na pesquisa e produção em moda, para que a emancipação liberte a cultura e as nações da submissão.

Consta-se que autores dessa publicação dispõem de bolsas de pesquisa de graduação e de pós-graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina e bolsa de pós-graduação do programa UNIEDU-FUMDES da Secretaria de Estado da Educação.

Referências

- ABIT. **América Latina ganha documentário inédito sobre moda ética**. 28 out. 2020. Disponível em: <https://www.abit.org.br/noticias/america-latina-ganha-documentario-inedito-sobre-moda-etica>. Acesso em: 14 jan. 2021.
- ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.
- BERLIM, Lilyan. **Moda e sustentabilidade**: uma reflexão necessária. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012.
- CAMPANA. **Sobre**. Disponível em: https://www.instagram.com/_campana_/?hl=pt-br. Acesso em: 10 jan. 2021.
- CASTILHO, Natalia Martinuzzi. **Pensamento decolonial e teoria crítica dos direitos humanos na América Latina**: um diálogo a partir da obra de Joaquín Herrera Flores. (Dissertação). São Leopoldo:

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2013. Disponível em: <http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/00000A/00000A6C.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2020.

COLERATO, Marina. **E se... a gente descolonizasse a sustentabilidade na moda?** 2020. Disponível em: <https://elle.com.br/colunistas/e-se-a-gente-descolonizasse-a-sustentabilidade-na-moda>. Acesso em: 26 nov. 2020.

DILGER, Gerhard *et al* (org.). **DESCOLONIZAR O IMAGINÁRIO: debates sobre o pós-extratativismo e alternativas ao desenvolvimento.** São Paulo: Elefante, 2016.

FLETCHER, Kate. GROSE, Linda. **Moda e sustentabilidade: design para mudança.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

GWILT, Alison. **Moda sustentável: um guia prático.** São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

LOSURDO, Domenico. **Contra-História do liberalismo.** Aparecida: Ideias & Letras, 2015.

MODA.DOC, América Latina. **WHAT IS MODA.DOC?** Disponível em: <https://modadocamericalatina.com/>. Acesso em: 14 jan. 2020.

MODA.DOC América Latina. 16 jan. 2017. Facebook: @MODA.DOCAMERICLATINA. Disponível em: <https://www.facebook.com/MODA.DOCAMERICLATINA/posts/262709077475698>. Acesso em: 14 jan. 2021.

MODA.DOC América Latina. 30 set. 2020. Instagram: @modadocamericalatina. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CFxmWTPg1EI/>. Acesso em: 14 jan. 2021.

OLSEN, Natasha. **Toneladas de redes de pesca viram produtos ecológicos.** 2020. Disponível em: <https://ciclovivo.com.br/inovacao/inspiracao/toneladas-de-redes-de-pesca-viram-produtos-ecologicos/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

PENNA, Camila. Paulo Freire no pensamento decolonial: um olhar pedagógico sobre a teoria pós-colonial latino-americana. **Revista de Estudos e Pesquisas Sobre as Américas**, Brasília, v. 8, n. 2, p. 181-199, 30 dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/16133/14421>. Acesso em: 10 jan. 2021.

SANT'ANNA, Mara Rúbia; MACEDO, Kárita Bernardo de. A influência dos grupos marginalizados ao fim do II império na construção da noção de identidade visual brasileira e sua relação com as produções de moda. **DaPesquisa**, Florianópolis, v. 3, n. 5, p. 496-506, ago. 2008. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/15420>. Acesso em: 10 jan. 2021.

TAVARES, Elaine. **Caminhos para a descolonização da América Latina.** 2015. Disponível em: <https://iela.ufsc.br/noticia/caminhos-para-descolonizacao-da-america-latina>. Acesso em: 23 nov. 2020.